

ARTIGO – DOSSIÊ

RELÍQUIAS DOS TEMPOS PRETÉRITOS: A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS ESPACIALIDADES E DA CULTURA URBANA DA CIDADE DE ALAGOAS NO OITOCENTOS

RELICS OF PAST TIMES: THE WRITING OF THE HISTORY OF SPACE AND URBAN CULTURE OF THE CITY OF ALAGOAS IN THE NINETEENTH CENTURY

MAGNO FRANCISCO DE JESUS SANTOS*

RESUMO

Na segunda metade do século XIX, a Cidade de Alagoas era palco de algumas das mais pomposas manifestações católicas na província alagoana. A antiga capital de província, em períodos como o da Quaresma e, especialmente, da Semana Santa, transformava-se no centro aglutinador de diferentes segmentos sociais. Essas manifestações culturais se tornaram foco da atenção de viajantes e cronistas vinculados ao Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, que ao longo da segunda metade do século XIX, atuavam na escrita da história com o intuito de forjar um passado local. Neste artigo discutiremos os usos da tradição e da cultura urbana da Cidade de Alagoas pela historiografia alagoana do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: espaço; cultura urbana; IAGAL; cidade de Alagoas.

SUMMARY

In the second half of the 19th century, the City of Alagoas was home to some of the most pompous Catholic demonstrations in the Alagoas province. The old capital of the province, in periods like the one of Lent and especially of the Holy Week, became the center agglutinador of different social segments. These cultural manifestations became the focus of the attention of travelers and chroniclers linked to the Archaeological and Geographical Institute of Alagoas, who throughout the second half of the 19th century acted in the writing of history in order to forge a local past. In this article we will discuss the uses of the tradition and the urban culture of the City of Alagoas by the Alagoan historiography of the 19th century.

KEYWORDS: space; urban culture; IAGAL; Alagoas City.

Noite de Quinta-feira de Endoenças. Semana Santa. 1858. Na Cidade de Alagoas, cravada na margem sul da lagoa Manguaba, mulheres vestiam-se de preto. Cobriam-se em sinal de luto, para percorrer os inúmeros templos da velha cidade. Sob o foco de luz da noite de lua cheia, os véus negros de mulheres a desfilar pelas ladeiras íngremes constituía um aspecto sombrio. Nos templos, ecoavam cânticos piedosos, clamores de perdão pelos pecados vivenciados ao longo do ano; talvez, de toda uma vida.

Tratava-se de uma noite incomum. De silêncio nas casas. De igrejas iluminadas pelas velas. Foi nesse contexto que um visitante alemão adentrou na primeira capital da província de Alagoas. Justamente em uma noite de quinta-feira Santa, o viajante Robert Avé-Lallemant¹ atravessou as lagoas entre as duas capitais alagoanas, dirigindo-se da nova e próspera Maceió, para a Cidade de Alagoas. Lentamente, no ritmo da pequena canoa, construída com “um tronco encavado apenas”,² o pesquisador vislumbrava as nesgas de luz que iluminavam a cidade, especialmente, dos templos seculares. De acordo com o cronista:

Só às 9 horas o meu velho canoeiro me afastou do singular cenário, e entramos mais uma vez numa grande laguna. Atravessamos a extremidade mais estreita dessa laguna. Na margem oposta, vimos brilharem ainda numerosas luzes.

Depois duma meia hora de rápida corrida, minha pequena canoa abicou na praia, e encontrei-me na cidade de Alagoas, a ex-capital da Província, a que deu o nome de província de Alagoas. As lagoas, “os lagos”, certamente as duas lagunas, que penetram

profundamente em terra. São bastante características da pequena Província.³

Uma das preocupações centrais do autor das narrativas acerca da viagem foi a de caracterizar o espaço da nova província visitada. Os elementos da natureza eram recursos apropriados na descrição, no intuito de promover a construção imagética das visitas e, portanto, tornar visível para o leitor os lugares por onde passava. Pode-se inferir que tais ações constituem uma perspectiva na qual transformava uma dizibilidade em uma visibilidade,⁴ do mesmo modo pelo qual transmutava o leitor em companheiro de jornada. As lagoas, vias condutoras entre o passado e porvir, transformavam-se também na face da própria província, com suas águas que integravam cidades, vilas e povoações, entre as quais Maceió, Cidade de Alagoas, Santa Luzia do Norte, Pilar e Coqueiro Seco. Mais do que uma toponímia, as lagoas revelavam parte do ser alagoano e da formação do traçado urbano de suas cidades mais importantes.

Essa busca por uma definição do que significava ser alagoano não constituiu um problema exclusivo do viajante alemão. Pelo contrário, ao longo da segunda metade do século XIX, essa parece ter sido uma questão amplamente debatida entre intelectuais e políticos da pequena província do norte do Império do Brasil. Havia uma preocupação em revelar as tradições das camadas populares, os mitos de origem de seus principais núcleos urbanos e da própria província, assim como em inventar o passado local. A história era utilizada como o recurso para se forjar uma identidade alagoana.

Nesse contexto, o então presidente da província, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, fundou no dia 2 de dezembro de 1869,⁵ o

Projeto História, São Paulo, v. 58, pp. 113-147, Jan.-Mar. 2017.

Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, com o intuito de “congregar a intelectualidade nascente para pensar o futuro de Alagoas através do conhecimento de seu passado, resgatando tradições e fomentando pesquisas históricas, geográficas e antropológicas”.⁶ O instituto alagoano se tornou o principal espaço de discussão do passado local, com a reunião de documentos e publicação de textos que enalteciam a história da província. Os usos do passado elucidavam as peculiaridades da experiência histórica da província, criada em 16 de setembro de 1817,⁷ a partir do desmembramento da Capitania de Pernambuco; assim como constituía uma leitura na qual elegia a Cidade de Alagoas, sede administrativa provincial até 9 de dezembro de 1839, como lócus espacial do passado.⁸

A escrita da história local, ao longo do período oitocentista, apresentava seus contornos fluidos e com fronteiras flexíveis. A própria denominação da agremiação alagoana já elucidava uma perspectiva ampla e polissêmica acerca do estudo das chamadas “cousas do passado”, por meio do termo arqueológico. É essa escrita multiforme que temos como objeto. Com isso, neste artigo discutimos os usos da tradição e da cultura urbana da Cidade de Alagoas pela historiografia alagoana do século XIX. Neste sentido, buscamos discutir as continuidades e descontinuidades das memórias produzidas sobre a cultura urbana na Cidade de Alagoas e o processo de invenção da historiografia provincial. Com isso, problematizamos as diferentes leituras acerca da antiga cidade e como as manifestações culturais da urbe foi utilizada como instrumento pedagógico na constituição de uma espacialidade atrelada ao passado.

A rápida passagem do cronista alemão pela primeira capital alagoana foi marcada pela exuberante descrição das práticas culturais atinentes ao período da Semana Santa. As celebrações religiosas, bem como o modo de vestir-se e alimentar-se tornaram os motores da escrita, na qual se desenhava os hábitos da população de um dos mais significativos núcleos urbanos alagoanos da segunda metade do século XIX. A viagem lacustre entre Maceió e a Cidade de Alagoas teve como guia “apenas um negro velho. Este cuja cabeça branca contrastava singularmente com a cara preta”.⁹ Mais do que um canoieiro, o ancião tornou-se o narrador das lendas atinentes aos templos e às tradições dos lugares visitados, como a pequena Igreja Nossa Senhora dos Remédios de Coqueiro Seco e a fama da imagem tida como milagrosa.

O espaço alagoano foi apresentado na leitura de Robert Avé-Lallemant como a expressão de uma confluência entre o estranhamento das “cidades marítimas da região tropical” e do interesse pelas práticas religiosas católicas. O calendário e a liturgia católica foram apresentados como a descrição de alguém que tinha conhecimento sobre a questão, de um viajante que tinha vivido 17 anos no Brasil, que paulatinamente revelava-se interessado pelas narrativas de milagres e pelos santuários. Todavia, o estranhamento está inerente às práticas atreladas ao calendário, ou seja, a coloração local dada às celebrações em torno da Paixão de Cristo com apoio do clero católico. Foi o caso de sua descrição sobre a noite da Quinta-Feira de Endoenças na Cidade de Alagoas:

Deserta a praia. Subi a rua para a cidade alta, onde fervilhavam ainda numerosos grupos, em torno das igrejas, por ser quinta-feira da semana santa.

É, aliás, rígido costume em todo o Brasil, na véspera da sexta-feira da paixão, as senhoras trajando vestidos pretos de seda, muito mundanos, sobretudo nas grandes cidades, andarem duma igreja para a outra e rezarem a todos os santos. Embora, no fundo, possa traduzir grande devoção, é, contudo, essa ideia das visitas às igrejas, uma profanação da quietude da semana santa, e deve qualificar-se de pagã, uma dessas mentiras sob forma fascinante, que à Igreja Católica em todo o Brasil apraz conservar.¹⁰

O viajante aponta para uma questão que no final do século se tornaria um dos grandes problemas do clero estrangeiro no processo de reforma católica devocional no Brasil,¹¹ com a preocupação em banir das festas religiosas as práticas tidas como pagãs. A exterioridade das práticas devocionais católicas parecia incomodar o pesquisador protestante. Por outro lado, também expressou algumas características relevantes para a compreensão das formas pelas quais o espaço era apropriado pela população no período da Semana Santa, com a visitação dos templos e a ampla circulação de mulheres pelas ruas cidade. Certamente, a Semana Santa era o período de maior movimentação na Cidade de Alagoas, com a visita de um elevado contingente de moradores de cidades vizinhas que se deslocavam para acompanhar uma vasta programação de celebrações e procissões, realizadas entre a Sexta-Feira das Dores¹² e o Domingo de Páscoa. Contudo, a noite da quinta era ápice das celebrações noturnas, com a visita dos templos e o aguardo da Procissão do Fogaréu. Possivelmente, na antiga capital alagoana, na noite das Endoenças, ocorria algo similar às manifestações da “*La Madrugã*”¹³ das cidades espanholas da Andaluzia. Hospedado na casa do juiz municipal,¹⁴ ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, Avé-Lallement também descreveu o

deslocamento das mulheres vestidas de negro na manhã da Sexta-Feira Santa de 1858:

Na manhã de sexta-feira santa, toda a população da cidade e dos arredores se dirigiu para a igreja, em cuja vizinhança eu estava hospedado. Todos trajavam decentemente, e grande romaria de devotos muito nos impressionou. Somente não se deve escutar nenhuma das *croniques scandaleuses*, em que é fértil o Juiz Municipal, vendo passar aquelas mulheres e moças, vestidas de preto, longos véus caíndo da cabeça, que lhes ficavam tão bem. Mulheres brancas puras só vi quatro ou cinco. E na multidão passante talvez uma única pudesse considerar-se como pertencente à boa sociedade.¹⁵

Na breve passagem pela Cidade de Alagoas, esse foi o único momento pelo qual Robert Avé-Lallemant apresentou uma descrição relativamente elogiosa acerca das práticas religiosas da população da cidade. Mesmo tecendo inúmeras ressalvas acerca da condição social e do poderio econômico dos transeuntes, o viajante mostrou-se relativamente entusiasmado com as cenas que acompanhara da frente da casa do juiz municipal. O número elevado de pessoas e as sóbrias vestimentas das mulheres, com seus vestidos e véus negros, parecem o ter surpreendido. Ele mesmo chegou a afirmar, “como, além da absoluta miséria do lugar, nada mais houvesse apreciável em Alagoas”.¹⁶

A Cidade de Alagoas foi tecida como uma paisagem na qual mesclava elementos da tradição católica, com suas procissões penitenciais; da beleza natural da lagoa e da decadência política e econômica. Em sua descrição, ali não estava presente apenas a antiga capital da província, mas os fragmentos de um passado áureo e condenado a desaparecer, sucumbir

diante da força inexorável da miséria. A cidade era o contraponto ao progresso de Maceió:

Apesar da encantadora situação da cidade, e da beleza da vista das ruas do alto da cidade, da lagoa, mais vasta ainda que a de Maceió, e dos seus arredores, é Alagoas um lugar miserável. Tudo em decadência, em desleixo e num estado lastimável. Dificilmente se pode reconhecer uma rua como via decente; quase não se veem casas bonitas, limpas, bem conservadas. Grande número de habitações vazias; muitas ameaçam ruir, já desmoronadas outras. O gado pasta entre as ruínas e nas ruas. Tudo parece caminhar para completo aniquilamento.¹⁷

Essa descrição pessimista em relação ao futuro da Cidade de Alagoas apresenta alguns elementos que elucidam acerca da compreensão do autor acerca do que deveria ser uma cultura urbana. Uma questão fundamental é o asseio das casas e ruas. Limpeza, pinturas das fachadas e preservação do casario era tida pelo autor como um sinal imprescindível para identificar uma cidade civilizada. A “indecência” das ruas era identificada pela falta de preservação do casario, pelos sinais de pobreza, pelos sinais de abandono e presença do gado pastando entre as ruínas e pelas ruas. Neste caso, a Cidade de Alagoas não delineava, em seu traçado urbano, uma distinção clara entre o mundo rural e o da urbe. Enquanto as solenidades expressam uma centralidade urbana, com a aglomeração de devotos oriundos de diferentes regiões, o espaço urbano reverberava o inverso, com traços de declínio que o aproximava do mundo rural.

Entretanto, essa imagem de decadência da velha capital foi construída a partir do depoimento da autoridade local, ou seja, do juiz municipal que o recebeu. O texto revela explicitamente como a visão do

anfitrião influenciou a leitura do viajante. Na pior das hipóteses, tratava-se de uma leitura compartilhada:

E assim está acontecendo, na franca opinião do meu amável Juiz Municipal. Realmente tudo se está esboroando, desabando tudo. Dantes a cidade se mantinha porque aí residiam as principais autoridades da Província e era sede de toda a administração, o que dava sempre algum impulso ao seu comércio e a sua vida. Desde, porém, que Maceió passou a ser a primeira cidade da Província, e todos os que dantes gastavam seus vencimentos em Alagoas, se mudaram para lá, caiu Alagoas em completa decadência. As boas famílias, a quem isto foi possível, transferiram-se também para a nova capital ou para as suas fazendas nas proximidades, e quase só ficaram as classes mais baixas. O pior de tudo é que, dado desânimo geral, ninguém pode e nem sabe trabalhar, e todos se entregam à ociosidade e à licenciosidade. Pelo menos assim o meu amigo Juiz considerava a população de Alagoas, e as aparências não contradiziam seu juízo.¹⁸

Essa impressão defendida pelo juiz municipal da Cidade de Alagoas revela uma fresta acerca da construção imagética acerca do passado alagoano pelas elites. Os espaços urbanos da província eram apresentados a partir dos binômios progresso/atraso, futuro/passado, civilização/barbárie, trabalho/ociosidade. O eco discursivo do juiz municipal, perpetuado por meio da narrativa do viajante, não constituiu uma voz dissonante. Ao contrário, essa tentativa de associar a Cidade de Alagoas ao passado, com traços de decadência, corroborava com as descrições produzidas na emergente historiografia alagoana oitocentista. Um sinal evidente dessa postura é o livro considerado como a obra inaugural da história local, o “Opúsculo da descrição Geográfica”, publicado por Antônio Joaquim de Moura nos idos de 1844, apenas cinco

anos após a mudança da capital. O texto publicado com a assinatura de “Hum Brasileiro”, reforça a dicotomia entre a exuberância da natureza e o atraso social.

A Matriz he boa, e está bem collocada. As poucas casas de sobrado que ha, são antigas, e feitas sem gosto nem commodos e pior as terreas. A perspectiva desta cidade he assás desagradavel, e suas ruas sem ordem, nem simetria; e o terreno mal escolhido; só tem de bello alguns golpes de vista da Lagôa. He a residencia do Juiz de Direito corregedor da Comarca; tem huma collectoria, huma aula de Latim quaze dezerta; Escolas de primeiras letras para ambos os sexos. Hum Palacete feito em 1836, porque dantes não o havia, o qual ficou inutilizado, com a mudança da capital. Na cadeia, e na casa da câmara será bom não falar; naquella para não magoar o coração sensível, e nesta por vergonha...!¹⁹

Na ambivalente escrita da história, própria do século XIX, Antônio Joaquim de Moura tentou apresentar a província alagoana por meio da descrição de seus principais núcleos urbanos. No caso da velha Cidade de Alagoas, o traçado urbano foi alvo de críticas, em decorrência de localizar-se em terreno mal escolhido, ser desagradável e com ruas sem ordem e simetria. Percebe-se como o autor buscava valorizar a racionalização do universo urbano, onde deveria prevalecer a ordem e a simetria. O elogio recaiu apenas sobre a arquitetura da Igreja Matriz e a casa do juiz.

Certamente, trata-se de uma leitura consideravelmente aproximada da impressão produzida por Robert Avé-Lallemant quinze anos depois. Essa coerência discursiva reforça a ideia de que a antiga capital provincial encontrava-se realmente em condições precárias. Todavia, a coerência nas

descrições dos cronistas pode revelar outras frestas, na qual se considera o processo de construção de representações acerca dos centros urbanos provinciais. Essa escrita da história, polifônica e polimórfica, expressa os anseios de uma elite letrada preocupada em construir a imagem do outro, fosse o outro do mundo tropical, da margem oposta do Atlântico; fosse o outro do passado, na margem sul das alagoas. A Cidade das Alagoas era onde “falece aqui, não só o commercio, senão a industria e as artes”.²⁰

Um centro urbano desfalecido, pronto para o ato final, incapaz de reavivar os ânimos do progresso. Essa era a leitura predominante acerca da velha Alagoas. A situação de abandono, na visão de Antônio Joaquim de Moura, era decorrente da mudança da sede administrativa. Ao descrever as condições e os usos da Igreja dos frades carmelitas o escritor ressalta como a transferência da capital levou a cidade velha a letargia:

O outro [templo] era de Carmelitas, sito lá para o extremo Sul da Cidade; ha muito que se acha por declinio e sem Frades, e o Templo está em estado de ruínas! Em quanto ali foi a Capital, o governo aproveitava a casa para hospital militar, depositos, armazens e quartel.²¹

Percebe-se como a ideia de decadência encontrava-se atrelada aos diferentes usos atribuídos ao espaço urbano. Em quanto perdurou com o título de capital, a Cidade de Alagoas era tida como detentora de uma funcionalidade, com o exercício de uma centralidade política e atividade de seus prédios públicos. A perda da sede administrativa é marcada por uma mudança drástica dessa leitura, prevalecendo a construção da ideia de crise. Isso nos leva a pensar como a coerência discursiva pode revelar mais

uma ação política dos pensadores da história na busca por um passado da província, do que uma experiência social vivenciada no cotidiano urbano.

A decadência da cidade, apresentada com afincamento no âmbito da escrita do viajante e do cronista, revela outra questão. Os dois autores, assim como o juiz municipal da Cidade de Alagoas, sinalizam para o fato de a crise ter sido provocada pelo deslocamento das “boas famílias” para a nova capital, Maceió, ou para os engenhos nas proximidades das lagoas. Boa família, neste caso, referia-se a elite açucareira da província. Com isso, a suposta dicotomia entre progresso e atraso, aludindo respectivamente a Maceió e a Cidade de Alagoas estava coadunada com a capacidade dessa elite econômica em propiciar investimentos e dinamizar o comércio e a indústria. Ao visitar a cidade de Maceió, nos idos de 1860,²² o imperador Dom Pedro II registrou a sua participação na missa de inauguração da Matriz Nossa Senhora dos Prazeres, onde foi entronizada a imagem portuguesa da santa doada pelo Barão de Atalaia.²³ Na estadia na capital alagoana, o imperador teria encontrado com alguns dos políticos mais poderosos da província, entre os quais os barões de Atalaia, do Jaraguá e de Jequiá. De acordo com uma testemunha ocular das festividades, Thomaz do Bom-Fim Espíndola,²⁴

Suas Magestades em seguida ao seu desembarque na capital dirigiram-se à matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, e ahi assistiram ao Te-Deum que celebrou-se com a devida solenidade e pompa em acção de graças ao Altíssimo pela feliz viagem que tiveram. Terminado o acto, Suas Magestades encaminharam-se para o paço imperial, que havia sido ricamente preparado pela comissão ad hoc nomeada pelo presidente.²⁵

O progresso da novel capital estava diretamente associada à presença dessa elite açucareira, que por sua vez também constituía na pequena e emergente elite intelectual da província, a partir de 1869, agremiada no Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas. Nos decênios posteriores, os discursos sobre a decadência da Cidade de Alagoas transmutou-se em um discurso uníssono das elites políticas e intelectuais da província. Com isso, ao longo da segunda metade do século XIX, os homens de letras passaram a atuar na escrita sobre o passado alagoano, revelando lendas oriundas da tradição oral ou com a construção da história das principais cidades e vilas.²⁶ Neste sentido, torna-se salutar problematizar o processo de invenção do passado alagoano na escrita da história pelos intelectuais da província de Alagoas no período oitocentista e como as tradições festivas da antiga capital foram descritas no sentido de se forjar uma identidade.

A primeira questão apresenta-se espinhosa, pois a elucidação da emergência de uma historiografia provincial no oitocentos nos leva a discutir o papel exercido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em relação à constituição de uma história nacional e aos dilemas enfrentados em relação à disseminação das pesquisas oriundas das instituições congêneres de Pernambuco,²⁷ do Rio Grande do Sul e das Alagoas.²⁸ A segunda metade do século XIX foi o período no qual as elites locais se reuniram no intuito de constituir um projeto de edificação da identidade provincial, por meio da invenção de um passado alagoano com traços distintos em relação às províncias vizinhas. A história foi o recurso pedagógico nesse processo de construção identitária. Era a lição

comprobatória da existência de um passado comum. Na dedicatória de seu opúsculo, Antônio Joaquim Moura revelou os propósitos de sua obra:

A ti, minha mimosa clarinha, incentivo de minhas mais ternas saudades; a ti dedico estas poucas linhas para te servirem de esclarecimento, quando chegares a idade de estudar a Geographia de nossa Pátria, e vieres a individualidades da Provincia das Alagôas; onde tens de recordar a memória, quase apagada, de teus inalfadados, e já remotos Avocagos; queres imital-os? Queres excede-os? Educa-te; instrui-te; sê virtuosa e honesta; ama, como elles, a tua Pátria...²⁹

Essa dedicatória para a filha, expressa uma intencionalidade acerca de como o seu livro deveria ser lido, bem como da articulação do texto com os propósitos políticos locais e nacionais. O eixo central era a valorização da Pátria, por meio de sua leitura geográfica. Todavia, a pátria seria estudada a partir das particularidades da província. Apesar de haver uma ênfase para a disciplina geografia, as ações didáticas do livro remetiam para uma aprendizagem histórica, na qual a jovem teria de “recordar a memória, quase apagada” de seus ancestrais. O passado era apresentado como exemplo a ser seguido, imitado, excedido. Os tempos pretéritos eram elementos de instrução, para educar uma nova geração “virtuosa e honesta”.

Desse modo, percebe-se a constituição de diferentes modelos de escrita da história, como um pêndulo que oscilava entre a construção dos valores cívicos nacionais e o reconhecimento das experiências locais. Isso relativiza a concepção da atuação do IHGB como uma instituição na qual determinava os cânones da pesquisa histórica de forma ampla e irrestrita. Mesmo reconhecendo o relevante papel da Casa do Brasil no processo de

institucionalização da escrita da história, por meio dos pareceres, não deve ser negligenciada a ambivalência das temáticas abordadas na própria revista do sodalício, com narrativas voltadas para a edificação de uma memória nacional coadunada com a presença de textos que reafirmavam as peculiaridades da história local, especialmente por meio das corografias.

Neste sentido, a invenção da historiografia alagoana não pode ser vista como um ato contraditório ou oposta à atuação dos intelectuais vinculados ao IHGB. Apresentava-se mais como uma iniciativa complementar, de constituição do sentimento patriótico aduzindo os traços identitários locais. No âmbito do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, percebe-se uma maior afinidade discursiva entre os seus principais sócios. O passado da província era apresentado em perspectiva corográfica, com textos voltados para o estudo de cidades, vilas, freguesias e povoações. Tais espacialidades da província passavam a ser representadas com diferentes atribuições, nas quais elucidavam o processo de conquista, luta e resistência do povo alagoano. Possivelmente, essas representações, aparentemente fragmentadas, tecidas acerca do passado alagoano atendiam a uma premissa uniforme, de forjar a ideia de ancestralidade e continuidade da província.

Para adelgaçar essa questão, torna-se plausível observar como os três lócus iniciais da colonização foram apropriados pela historiografia provincial. Porto Calvo, ao norte, cidade natal de Calabar, transmutava-se em capítulo relevante da história pátria, com a discussão sobre a presença holandesa no Brasil. Penedo, ao sul, era metamorfoseada no espaço da resistência a essa presença e na cidade das artes, com seus belos sobrados,

imponentes igrejas e trajetória de músicos e escultores. Cidade das Alagoas,³⁰ ao centro, elucidava o passado da comarca e da província, como reminiscência da sede administrativa, frágil memória do poder político, decadente e com foro de ser o espaço da permanência das tradições alagoanas, com suas festas. Na famosa *Corografia do Brasil*, Joaquim Manuel de Macedo categorizou a cidade, ao dizer “Alagôas, ville ancienne située sur le lac qui lui donne son nom”.³¹

No intuito edificar uma paisagem cultural marcada pela crise, alguns dos pensadores da história alagoana utilizaram como recurso a escrita comparativa, na qual futuro e passado eram confrontados, postos em combate para revelar uma contraditória relação de oposição e complementaridade. Para Tomaz do Bom-Fim Espíndola, a Cidade das Alagoas,

Tem grande número de casas de telha e palha, porém muito menor que o da capital. A sua perspectiva é, bem analysada, desagradável. As poucas casas de sobrado que existem são antigas e feitas com máo gosto e sem commodos, e peiores são em geral as térreas; suas ruas são sem ordem e simetria; e sua povoação não excede a 6.000 almas. Esta cidade jaz em completa decadência, principalmente pela falta de commercio; é a residência quasi absoluta de pescadores.³²

Toda assertiva de Espíndola é margeada pela descrição da pobreza da cidade. Apesar de fazer uma referencia a Maceió, o autor elucida a inferioridade da primeira capital, como prova da superação. A velha urbe é descrita como um espaço desagradável, repetindo a tese das ruas

enladeiradas e tortuosas. Todavia, o que chama atenção é a relação construída entre a decadência, a ausência de atividades comerciais e a presença de um elevado número de pescadores. O atraso da cidade é uma atribuição social, uma forma de expressar o predomínio das camadas populares.

A Cidade de Alagoas, com sua população pobre, era tida como o espaço do passado, enquanto a nova capital, Maceió, emergia no âmbito historiográfico como o porvir, o espaço das transformações, das melhorias, do progresso. Essa leitura otimista em relação ao novo espaço ordenado parece ter incomodado Tomaz Espíndola. Mesmo passado grande parte de seu livro elogiando a cidade, a suntuosidade de sua matriz e as dirimindo as melhorias que poderiam ser efetivadas na localidade, o sócio do IAGAL revelou um indício sobre as condições de salubridade da capital: “eis em poucas palavras a topografia médica da cidade de Maceió: d’ella por sem dúvida se terá depreendido que o estado sanitário d’esta capital não é tão lisonjeiro como muitos o apregoam”.³³ Essa ressalva acerca da nova capital mostra-se como um ruído discursivo de um intelectual que apresentava uma forte presença no campo político provincial. Todavia, no discurso oficial, prevalecia a imagem de uma cidade progressiva, voltada para o futuro. Nos idos de 1900, Elisée Ruclus, em seu “Estados Unidos do Brasil”, descreveu a capital alagoana como:

Maceió, cidade graciosa, é muito arborizada: nas avenidas e nos pequenos bosques que a rodeiam a tamareira d'Africa cresce ao lado dos coqueiros da Índia. Todo o movimento commercial de Maceió concentra-se na baixa para o lado do arrabalde de Jaraguá, que outr'ora esteve separado da cidade: é alli que se acham os armazens e trapiches.³⁴

Nessa descrição geográfica, percebe-se o uso de alguns dos elementos atribuídos às cidades modernas: ser arborizada, com bosques e possuir comércio. O autor ressalta a presença do porto, instrumento que possibilitava a conexão da cidade com o mundo, bem como a dinâmica comercial do bairro Jaraguá, nos arredores do centro. Em contrapartida, a antiga sede administrativa foi descrita como o contraponto à modernidade, expressando uma imagem consolidada de cidade atrelada ao passado. Alagoas era a cidade da história.

Alagôas. Esta ultima cidade, capital da provincia até 1839, está juncto á ponta meridional da lagôa Manguaba, numa varzea, muito menos bem situada para o commercio do que Maceió, a capital moderna. Vapores vão e vêm pelos canaes pela lagôa Manguaba, entre Maceió e Pilar, onde tomam carregamento de algodão.³⁵

A antiga capital, mais uma vez foi descrita em comparação com a nova. Trata-se de uma construção de paralelos, de um traço contíguo entre passado e futuro. A velha cidade foi apresentada como um espaço de fornecimento de matéria-prima e de alimentos, com uma indistinção entre o ser urbano ou rural. Maceió, ao contrário, era apresentada como um espaço cosmopolita, dinâmico e civilizado. O entendimento do que seria uma cidade civilizada na segunda metade do século XIX expressa a necessidade de elencar inúmeras atribuições, nem sempre condizentes

com outras experiências. Em relação à província de Alagoas, um elemento utilizado para constituir uma distinção era a presença de intelectuais e de instituições culturais.

Neste sentido, os pensadores da história que iniciavam a constituição de uma historiografia alagoana, também reverberavam o progresso da cidade, com as discursões acerca do conhecimento científico e da formação de um acervo sobre o passado da província por meio da iniciativa da elite letrada do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas.³⁶ De acordo com Angel Rama, “para cumprir sua missão civilizadora, acabou sendo indispensável que as cidades, que eram sede da delegação dos poderes, dispusessem de um grupo social especializado”.³⁷ Neste caso, Maceió mostrava-se também moderna por possuir uma instituição na qual se reuniam os homens de letras e cumpria a sua missão civilizadora de descortinar o passado das penumbras do esquecimento.

Na província das Alagoas, a atuação dos sócios do IAGAL na imprensa foi recorrente e progressiva, com o aumento sistemático de textos voltados para a explicação do passado local, especialmente, atinentes às tradições e lendas.³⁸ Os homens que cantavam o passado, com respaldo memorialista, se inseriam no mundo civilizado, sob a tutela da cientificidade. De qualquer modo, as reuniões e os embates na imprensa revalidavam a constituição de uma elite intelectual, constituíam uma faceta imprescindível da cultura urbana moderna.

Entretanto, nessas reuniões, destacou-se a atuação de um intelectual oriundo da velha Cidade de Alagoas, membro de uma das famílias mais poderosas da segunda metade do século XIX. Era Pedro

Paulino da Fonseca,³⁹ intelectual que se notabilizou pela escrita da história das festas de sua terra natal. Ao longo da segunda metade do século XIX, o político intelectual da Cidade de Alagoas tornou-se um porta-voz das tradições da província, com a publicação de lendas sobre a edificação dos conventos e descrição das festas católicas. Essa produção historiográfica já consideravelmente discutida como fonte da cultura barroca da primeira capital alagoana.⁴⁰

Todavia, mais do que pistas sobre o cotidiano oitocentista, o artigo escrito nos idos de 1895, revela as nuances de uma produção intelectual que buscava inventar as tradições, forjar os enlaces de uma identidade. A Cidade de Alagoas, abrigo de uma das mais notórias famílias do novo Brasil republicano, não emergiu como um passado cristalizado, decadente e lóbrego. A arquitetura do passado ganhou movimento com suas festas, com as imponentes procissões, com as celebrações de penitência. O passado era utilizado com um instrumento de devoção. Os tempos pretéritos, marcados pelas procissões, eram alvo de culto.

Aparentemente, essa postura mostra-se como uma fissura discursiva, dirimindo a constituição de uma leitura unilateral sobre a Cidade de Alagoas. Contudo, a valorização dos elementos festivos, especialmente as festas católicas, não pode ser entendida como uma contradição à retórica da decadência. Ambas as esferas denotam para o passado, para uma tentativa de recuperar os tempos idos, constituindo a mesma face de Janus. Além disso, outros intelectuais que trataram da história da cidade já haviam tecido considerações acerca das manifestações

festivas de outrora. Um caso elucidativo foi o de Tomaz do Bom-Fim Espíndola, ao tratar do arrabalde da antiga cidade.

Taperaçuá outr'ora Campo Alegre – povoação próxima e a leste da cidade: é antes um bairro d'esta, unido por pontilhões sobre o rio Sumaúna –, arroio Utinga e o esgoto de um brejo, que desaguan na lagoa Manguaba. Tem uma boa capella do Senhor Bom Jesus do Bomfim, alguns sobradetes antigos, de máo gosto e frágeis, 110 casas de telha, duas escolhas de primeiras letras, uma para cada sexo. Outr'ora faziam-se ali todos os annos uma sumptuosa festa, do que hoje resta apenas uma ligeira lembrança. Foi pátria da mai do finado D. Marcos Antônio de Souza, bispo do Maranhão. Na ouvidoria de Francisco Nunes da Costa – de 1777 a 1779 celebraram-se as festividades de Senhor do Bomfim com toda solenidade e pompa quase fabulosas, atentos os recursos do paiz nesse tempo.⁴¹

Percebe-se como a escrita da história de Tomaz Espíndola coaduna decadência e festa. Em sua assertiva, as festas do patrono de Taperaçuá no presente eram apenas reminiscências das de outrora, ou, como salienta o autor, uma ligeira lembrança. A descrição é marcada por uma busca dos tempos áureos, do ápice das celebrações e, conseqüentemente, da cidade, para tornar visível o processo de declínio. Porém, mesmo constituindo uma linha tênue para o passado, as festas do tempo presente foram apresentadas como uma tradição, o legado de outras gerações e maltratado no presente. Diante disso, é possível pensar a emergência da escrita da história alagoana como um processo de invenção das tradições,⁴² pautado na iniciativa de forjar um passado comum.

A Cidade de Alagoas possuía um vasto calendário festivo, permeado de procissões organizadas pelas irmandades e confrarias das velhas igrejas. Segundo Pedro da Fonseca:

mêses de antecedência e por empenhos, [pois] estavam todas tomadas e habitadas pelas famílias de abastados senhores de engenho e, nas das ruas da Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, alojadas achavam-se mais de uma família para passar a festa.⁴³

Certamente, as procissões do período quaresmal eram as que aglutinavam o maior contingente de devotos. Esse também era o período de maior número de celebrações, que perduravam por quase duas semanas e envolviam grande parte da população. Um indício dessa elevada participação foi a dificuldade narrada por Robert Avé-Lallemant, ao informar que desejava realizar sua viagem na tarde de Sexta-feira Santa e não conseguiu ninguém que se dispusesse a guiá-lo, pois, como ele mesmo informou, o juiz municipal “não via a menor possibilidade de encontrar um homem com cavalos para continuar minha viagem para Penedo”.⁴⁴ No âmbito religioso, a Cidade de Alagoas permanecia exercendo uma centralidade em relação à província, com a reunião de diferentes segmentos sociais nas celebrações. De acordo com o cronista Pedro da Fonseca, no período da Semana Santa, eram realizadas as seguintes solenidades na cidade:⁴⁵

Procissão	Dia	Igreja	Irmandade
Procissão das Cinzas	Quarta-feira de Cinzas	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco	Ordem Terceira de São Francisco
Procissão dos Penitentes	Segundas, quartas e sextas da Quaresma	Igreja do Rosário	Irmandade Nossa Senhora do Rosário
Trasladação do Senhor dos Passos	Quinta-feira anterior ao Domingo de Ramos	Igreja da Ordem Terceira do Carmo	Ordem Terceira do Carmo
Procissão do Senhor dos Passos	Sexta-feira das Dores	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Ordem Terceira do Carmo
Procissão das Palmas	Domingo de Ramos	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Procissão do Trinfo	Domingo de Ramos	Igreja do Convento do Carmo	Ordem Terceira do Carmo
Ofício de Trevas	Quarta-feira Santa	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Procissão da Visitação dos Enfermos	Quinta-feira de Endoenças	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Sermão do Mandato	Quinta-feira de Endoenças	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Procissão do Encontro (Senhor dos Passos)	Quinta-feira de Endoenças	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Procissão do Encontro (Nossa Senhora das Dores)	Quinta-feira de Endoenças	Igreja Nossa Senhora do Amparo	Irmandade do Amparo
Procissão do Fogaréu	Quinta-feira de Endoenças	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Ofício da Paixão e Procissão do Senhor Morto	Sexta-feira da Paixão	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Irmandade do Santíssimo Sacramento
Procissão da Ressurreição	Domingo de Páscoa	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição	Todas

Quadro: Procissões da Quaresma e Semana Santa na Cidade de Alagoas

Diante de uma vasta programação das solenidades da Semana Santa em sua terra natal, Pedro Paulino da Fonseca revelou-se entusiasmado com o papel desempenhado pela Cidade de Alagoas como um dos principais centros urbanos católicos do estado. Em suas palavras, a antiga urbe, cotidianamente adormecida e silenciosa, em tempos quaresmais revelava-se “alegre, festiva, com um movimento espantoso de povo pelas ruas, tendo como certo as noites de luar”.⁴⁶ Nessas noites, também descritas por Avé-Lallemant, a cultura urbana mostrava-se dinâmica, com uma movimentação das ruas estreitas e enladeiradas. Na cidade das tradições, até mesmo a natureza se tornava um artifício que compunha a plasticidade das celebrações, pois “infalivelmente lua cheia num dos dias da 4^a a 6^a feira santa, e sempre mui clara e bela, não me recordando ter havido chuvas que interrompessem as festas”.⁴⁷

Neste sentido, torna-se salutar discutir como as expressões religiosas da cultura urbana da Cidade de Alagoas foram tecidas na narrativa histórica de Pedro da Fonseca. O artigo, escrito em 1895 e apenas publicado na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas no ano de 1942, apresenta um estilo próximo aos textos memorialistas. A saudade é o artefato que amarra o conjunto de celebrações e constitui uma ideia de unidade para a miscelânea de procissões descritas. As reminiscências mnemônicas elucidam o passado festivo e pomposo, com as imponentes procissões que desfilavam pelas ladeiras da cidade. É importante ressaltar que, no momento da escrita do texto, Pedro Paulino da Fonseca encontrava-se na cidade do Rio de

Janeiro, exercendo o cargo de senador da república. Com isso, as memórias urbanas emergiram em outra espacialidade, mesclando sentimentos de saudade, altivez e nostalgia.

Na escrita da história de Pedro da Fonseca, a primeira grande celebração do ano era a Procissão das Cinzas, marco delimitador do ingresso no período de penitência. Tratava-se de uma das mais emblemáticas procissões realizadas no país entre os séculos XVII e XIX, com o desfile de emblemas da paixão e da penitência.⁴⁸ A descrição da procissão da Cidade de Alagoas reverbera uma conjunção de pompa lúgubre e respeito.

Abria o préstito a figura alta e magra da Morte com a foice na mão direita e a matraca na esquerda e um Anjo, [...] em seguida, com ampulheta na mão direita, como insígnia da brevidade da Vida. Atrás um guardião da irmandade com luzeiros aos lados.[...] Depois a Sta. Cruz com as armas da ordem seráfica ladeada de dois Anjos com tochas ou brandões acêsos. Seguiam-se as figuras da Confissão, Contrição, Satisfação, Obediência, Memória da Morte e Desprezo do Mundo, vestidos de penitentes [...] uma figura vestida de penitente, conduzindo a árvore da penitência de cujos galhos secos pendiam rosários, bentinhos, livrinhos de oração em profusão.⁴⁹

No primeiro dia da Quaresma, a Cidade de Alagoas transmutava-se em um verdadeiro carnaval de dor e desolação. As mazelas da humanidade eram apresentadas pelas ruas da pequena cidade, por meio de insígnias, personagens bíblicos e andores. Certamente, na primeira capital alagoana, a Procissão das Cinzas deve ter apresentado um dos cortejos mais repletos de figuras míticas, simbologias e santos entre todas as celebrações congêneres realizadas no país. O texto reporta a uma

extravagância visual no sentido de constituir uma leitura imagética acerca das práticas culturais de seu torrão natal, por meio de descrições como a do andor com a árvore da penitência. Outra cena destacada na assertiva de Fonseca foi a saída dos vinte andores da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco:

Os andores dos vinte Santos da Ordem: - Santa Izabel de Cotorna, São Luiz, Rei da França, São Ivo Doutor, São Vivaldo na tóca, Os bons casados São Lucio e Santa Bonna, São Francisco recebendo as chagas, São Francisco morto, Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dôres, Santa Maria Madalena, São Roque, São Vicente Ferrer, São Gonçalo, Santa Delfina, Santa Elisiária e outros, tendo diante de cada um dois Anjos com bandeiras e nelas escrito o nome do Santo e virtudes. A procissão era encerrada com o andor de Nossa Senhora da Conceição. Seguiam-se a figura que representa a Ordem 3^a, os irmãos e os religiosos franciscanos.⁵⁰

Membro de uma família que integrava a Ordem Terceira de São Francisco, Pedro da Fonseca não economizou palavras para descrever a Procissão das Cinzas, principal ato dos referidos irmãos na Quaresma da Cidade de Alagoas e principal evento religioso da referida associação de leigos. O crivo da escrita do autor tem como demanda estresir no âmbito dos livros as práticas culturais vivenciadas nas ruas, como uma tradução na qual a experiência social era transmutada para a tradição inventada na história. A participação popular foi uma questão valorizada na escrita de Fonseca, como estratégia de revelar o respaldo dos diferentes segmentos sociais para as práticas festivas da cidade. Sobre a solenidade da Quarta-feira de Cinzas, ele afirmou: “era uma procissão de grande aparato que

atraía grande massa de povo que afluía de todos os pontos, ficando o porto do Convento apinhado por centenas de canoas”.⁵¹

Nessa descrição de uma cidade avultada por conta das celebrações, ressalta-se a preocupação em expressar a presença de segmentos sociais de diferentes origens e localidades, incluindo a elevada movimentação do porto. Este emergiu no texto como o elo que unia a Cidade das Alagoas ao restante do estado, o ponto de chegada dos devotos e, contraditoriamente, de saída da população que abandonava a cidade. Na terra das lagoas, as águas eram o via de comunicação, ou como asseverou Manuel Diegues Júnior, a via lacustre estava impregnada na “a história de uma gente quase anfíbia”.⁵²

Para Pedro da Fonseca, a cultura urbana permeada de celebrações estabelecia uma dinâmica na vida social, com visitantes percorrendo os principais logradouros e visitando igrejas e familiares. Essa narrativa destoa sensivelmente das apreciações de intelectuais contemporâneos acerca do cotidiano da cidade. Todavia, deve ser levado em consideração o fato de Fonseca destacar essa movimentação como uma situação de excepcionalidade, por conta das festas religiosas. Para ele, casas que grande parte do ano passavam fechadas, se tornavam alvo de disputa, pois,

muitos procuravam obtê-las com meses de antecedência e por empenhos [...] já não se encontrava uma só casa vazia na cidade. Desde Taperaguá até Pedreiras e Trancôso estavam todas tomadas e habitadas pelas famílias de abastados senhores de engenho e, nas das ruas da Matriz, Rosário, Amparo, Convento, da Paz, Palácio, de Baixo, do Meio, e alojadas achavam-se mais de uma família para passar as festas.⁵³

As celebrações da Quaresma e da Semana Santa, na ótica de Pedro Paulino da Fonseca, representavam uma excepcionalidade, na qual as elites estaduais retornavam para a antiga capital. Pode-se inferir como esses dias de festas se constituíam na vitalidade urbana. Do mesmo pelo qual a situação de decadência da Cidade de Alagoas era atribuída pela elite intelectual como a resultante do deslocamento dos senhores de engenho para Maceió, o cronista alagoense tenta utilizar a mesma estratégia para reafirmar a situação inversa. O retorno dos senhores de engenho e de seus familiares para as celebrações seria um indício da permanência da Cidade de Alagoas como o espaço que exercia uma centralidade no âmbito religioso, das tradições católicas do estado. Para Pedro Paulino da Fonseca, o espaço urbano delineado pela presença dos templos seculares, voltava a exercer uma centralidade cultural com a realização da Procissão do Senhor dos Passos, na Sexta-feira das Dores e véspera.

Saia da Igreja Matriz uma procissão com a imagem do Senhor dos Passos que na véspera era transladada da Ordem 3^a do Carmo para visitar os sete passos armados nas igrejas do Rosário, Amparo, Ordem 3^a de São Francisco, Convento de São Francisco, nicho do finado Joaquim Bastos, na Matriz, além de um passo armado 'ad hoc' na rua do Convento.⁵⁴

De acordo com o autor, essa era a ocasião na qual todas as igrejas da cidade eram inseridas em uma mesma cerimônia, em decorrência dos passos serem armados nas mesmas para a execução dos motetos. Além disso, era a abertura de uma semana repleta de celebrações, como a das Palmas, Triunfo, Visitação dos Enfermos, Encontro, Fogaréu e Enterro.

Para o cumprimento do Domingo de Ramos ocorriam pela manhã a Procissão das Palmas e a Procissão do Triunfo. Na Terça e Quarta-feiras acontecia na Igreja Matriz o Ofício de Trevas. Na Quinta-feira, o Ofício das Endoenças, sintetizando Paixão – Procissão – Exposição do Santo Sacramento e a saída para a Procissão da Visitação de Enfermos. À tarde o lava-pés e Sermão do Mandato, e à noite, exposição do Santo Sepulcro. A animação da noite de quinta-feira iniciava por volta das 20:00 horas quando saíam da Igreja Matriz e Igreja do Amparo seguindo por caminhos diversos, as Procissões do Encontro, finalizando ambas na Rua do Convento defronte a um púlpito montado para um sermão. Às 23:00 horas saía da Igreja Matriz, a Procissão do Fogaréu. Era bonito de longe, dum ponto elevado, nessa noite de luar claro, vêr essa imensa cobra de fôgo como que em zig-zag, subindo e descendo ruas e ladeiras, ora encobrimdo-se em parte, vendo-se a cabeça lá e a cauda separada cá. O efeito do préstito com centenas de luzes era espetacular.⁵⁵

Entre todas as procissões litadas por Pedro Paulino da Fonseca, a que ele dedicou maior espaço para a descrição foi a do Fogaréu, realizada na madrugada entre a Quinta-feira de Endoenças e a Sexta-feira da Paixão. Se a Procissão das Cinzas era vultuosidade, a do Fogaréu era a de maior plasticidade. O traçado urbano era redesenhado, fazendo emergir nas trevas um cordão de fogo no qual emergiam as ruas assimétricas, enladeiradas e desprovidas de ordem. Como ressalta Josemary Ferrare, “era determinante para a percepção desse efeito a configuração topográfica de cidade elevada e a sinuosidade de seu traçado urbano”.⁵⁶ O cronista alagoense descreve o préstito como uma prática do passado e vista em perspectiva panorâmica. Nesse caso, ao escrever a história das festas da Cidade de Alagoas, Fonseca tenta construir uma visibilidade de sua

terra natal, colocando o leitor na lagoa Manguaba, para avistar, ao longe, a serpente de fogo subir e descer ladeiras, a percorrer toda a cidade. Uma leitura contrastante com o ar de austeridade presente na assertiva das solenidades da Paixão, onde,

Pela manhã, na Matriz – Ofício da Paixão – com o templo todo despido e às escuras, os altares velados de roxo e preto; Lamentações: - e mais cerimonial. Notou-se que para o desempenho das funções de Bradados e Texto, os Juizes tinham o capricho de mandar a 10, 20, e 30 léguas e por boa remuneração convidar padres dotados de voz apropriada para desempenhal-as. Sentia-se verdadeiro abalo e emoção ao ouvir-se Bradados com voz de barítono entoar no templo fechado. Ato imponente, comovedor. Lamentações: e mais cerimonial. À tarde, o Descimento do Senhor da Cruz e a Procissão do Entêrro.⁵⁷

Na escrita da história de Pedro Paulino da Fonseca, a aspereza da celebração foi descrita a partir da valorização dos recursos visuais e sonoros. A escuridão do templo, com portas cerradas e panos de tons escuros tecia um cenário de luto. A cena era complementada com a música fúnebre “com bradados com voz de barítonos em templo fechado” e os padres dotados de voz. Na invenção das tradições alagoenses, o irmão de Deodoro da Fonseca tentou explicitar a continuidade da cidade como detentora de poderio econômico e político, por meio da valorização de sua cultura urbana festiva da Semana Santa. Por isso a ênfase no fato dos organizadores das solenidades irem buscar religiosos providos de vozes adequadas para os atos em rincões distantes da cidade. A busca de especialistas em plagas alhures implicava em poder de investimento.

Esse ato abaliza para outra questão. A escrita da história entre os intelectuais do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, ao longo do século XIX, mesmo apresentando-se multiforme e polissêmica, manteve uma relativa coerência entre os seus autores, mas também se transmutou ao longo do tempo. Se em meados do oitocentos era recorrente a elucidação do declínio urbano da Cidade de Alagoas por meio da análise da perda da sede administrativa e de sua elite econômica; no final do século, essa leitura uniforme passa a apresentar novos ruídos discursivos, com a valorização dessa cidade do passado como locus espacial das tradições. Mas o que teria provocado essa guinada interpretativa? Possivelmente, a resposta perpassa pelo âmbito dos intelectuais, a partir da emergência política da família Fonseca no cenário local e nacional.

A cidade dos marechais, no alvorecer do regime republicano, era o abrigo formador de dois presidentes, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, além do primeiro presidente do estado de Alagoas republicano, com o próprio Pedro Paulino da Fonseca. O otimismo sobre a cidade reflete, em parte, a efervescência política, marcada pela propulsão de importantes lideranças no âmbito nacional e que comandavam o destino da nação. A afirmação política desses intelectuais promoveu a emergência de uma leitura otimista sobre a cidade. Quando todos esperavam a morte da Cidade de Alagoas, seus cronistas a reinventaram. Quando a cidade agonizante vestiu-se de luto e celebrou a morte, ocorreu a ressurreição. Finalmente, a cultura urbana da Cidade de Alagoas adentrava as páginas da história e seguia o cortejo da Procissão da Ressurreição.

* Professor do Departamento de História da UFRN. Doutor em História pela UFF.

¹ Robert Christian Barthold Avé-Lallemant, nasceu em Lubeck, em 1812. Estudou medicina em Berlim, Heidelberg, Paris e Kiel. Em 1836, mudou-se para o Brasil, exercendo a medicina no Rio de Janeiro. Retornou para a Alemanha em 1855, passando a viver em Lubeck. Lá conheceu Alexander von Humboldt, que o convidou para integrar a Expedição Novara, na qual viajaria pelo Brasil. Ao chegar no Brasil, Avé-Lallemant resolveu fazer a viagem sozinho, com apoio de D. Pedro II. Retornou para a Alemanha em 1858, onde publicou “Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)”, “Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)” e “Viagem pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)”.

² AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980, p. 291.

³ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op.cit., p. 292.

⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Ed. Recife: FJN; Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

⁵ SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Casa das Alagoas e a invenção das “cousas passadas”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 43, Aracaju, 2013, p. 98.

⁶ TENÓRIO, Douglas Apratto. A Casa das Alagoas. In: TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármem Lúcia. **A Casa das Alagoas: o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2007, p. 6

⁷ BRANDÃO, Moreno. **História das Alagoas**. 2ª Ed. Maceió: Sergasa, 1981.

⁸ ALTAVILA, Jaime de. **História da Civilização das Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1988.

⁹ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op .cit., p. 291.

¹⁰ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op. cit., p. 292.

¹¹ SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **“O prefácio dos tempos”**: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX). Niteroi, 311f. Tese (Doutorado em História). UFF, 2015.

¹² Sexta-feira anterior ao Domingo de Ramos, quando era realizada a Procissão do Senhor dos Passos.

¹³ Na Semana Santa espanhola, em cidade como Sevilha e Málaga, a noite da quinta-feira é marcada por uma série de procissões noturnas, organizadas pelas principais irmandades como a Esperança Macarena, Esperança de Triana e Los Gitanos, Grand Poder, El Calvario e El Silêncio. Cf. HERRERO, José Sánchez; PEÑA, José Roda; DELGADO, Federico García de la Concha (orgs). **Mistérios de Sevilla**. Tomo II. Sevilla: Tartessos, 2010.

¹⁴ Tratava-se do “Juiz Municipal e de Órphãos dos termos reunidos de Alagoas e Santa Luzia do Norte, da província de Alagoas, o bacharel Quintino José Miranda. Cf. O LIBERAL PERNAMBUCANO. **O Liberal Pernambucano**. N 532. Recife, 21 de julho de 1854.

-
- ¹⁵ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op.cit., p. 293.
- ¹⁶ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op. cit., p. 293.
- ¹⁷ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op. cit, p. 292.
- ¹⁸ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op.cit, p. 293.
- ¹⁹ MOURA, Antônio Joaquim de. **Opúsculo da descrição Geográfica e Topographica, Phizica, Política e Histórica que unicamente respeita a Província das Alagoas no Império do Brazil**. Rio de Janeiro: Berthe e Haring, 1844, p. 32.
- ²⁰ MOURA, Antônio Joaquim de. Op. cit, p. 31.
- ²¹ MOURA, Antônio Joaquim de. Op. cit, p. 31.
- ²² Sobre a viagem da família imperial à província de Alagoas pode ser consultado: DUARTE, Abelardo. **Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas: A viagem realizada ao Penedo e outras cidades sanfranciscanas, à cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, Zona Lacustre e região norte da província**. Maceió: Diário Oficial de Alagoas, [1975] 2002.
- ²³ PEDRO II. **Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas -1859**. Rio de Janeiro: Bom texto, 2003.
- ²⁴ Thomaz do Bom-Fim Espíndola (1832-1889) foi um dos mais importantes políticos da província de Alagoas no século XIX. Foi presidente provincial em duas ocasiões (1867 e 1878), além de ter uma consistente atuação no Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas. Foi um dos integrantes da comissão de recepção da família imperial à província em 1859 e produziu algumas das obras mais relevantes sobre a história e a geografia provincial, como “*Geografia Alagoana ou descrição física, política e histórica da província das Alagoas*”, de 1871, “*Elementos de Geografia e Cosmografia oferecido à mocidade alagoana*”, “*Descrição das Viagens do Dr. José Bento Cunha Figueiredo Júnior ao Interior da Província de Alagoas*” (1870), e “*Viagem do Presidente da Província Francisco de Carvalho Soares Brandão a Povoação de Piranhas e Paulo Afonso*” (1878). COSTA, João Craveiro. *História das Alagoas*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.
- ²⁵ ESPÍNDOLA, Thomaz do Bom-Fim. **Geographia alagoana ou descrição physica, política e histórica da província das Alagoas**. 2ª ed. Maceió: Typographia do Liberal, 1871, p. 406.
- ²⁶ Um exemplo disso foi a publicação de textos sobre as lendas acerca da fundação da vila de Anadia. SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. A “Santa Fugitiva”: confluências étnorraciais no catolicismo popular de Anadia/AL no século XIX. In: RODRIGUES, Cândido; PEIXOTO, Renato Amado. **Olhares sobre os catolicismos no Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil**. Cuiabá: EDUFMT, 2016, p. 113-140.
- ²⁷ Sobre o Instituto Arqueológico, Geográfico e Histórico de Pernambuco, confira: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ²⁸ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. N° 1. Rio de Janeiro, 1988.
- ²⁹ MOURA, Antônio Joaquim de. Op. cit, p. 06.
- ³⁰ A cidade anteriormente era denominada Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa Sul.

-
- ³¹ MACEDO, Joaquim Manuel de. **Notions de Corographie du Brasil**. Leipzig : Bruckhaus, 1873, p. 291.
- ³² ESPÍNDOLA, Thomaz do Bom-Fim. Op. cit, p. 214.
- ³³ ESPÍNDOLA, Thomaz do Bom-Fim. Op. cit, p. 196.
- ³⁴ RUCLOS, Elisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 184.
- ³⁵ RUCLOS, Elisée. Op. cit, p. 186.
- ³⁶ GOMES, Ângela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ³⁷ RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 41.
- ³⁸ OITICICA, Manoel Rodrigues Leite e. Recordações da Província: lendas e crenças alagoanas. **O Orbe**. N° 70, Maceió, 19 de junho de 1885, p. 2.
- ³⁹ Pedro Paulino da Fonseca “(Alagoas AL 6/7/1829 - Rio de Janeiro DF 16/11/1902) Governador, senador federal, militar. embro correspondente do IHGB (1883) como também do IHAA, onde assume em 6/10/1872”. BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. *ABC das Alagoas*: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Vol. 1. Brasília: Senado Federal, 2005, p. 585.
- ⁴⁰ FERRARE, Josemary. A cidade, seu histórico e a relação do convento no âmbito da imaterialidade das manifestações religiosas católicas. In: MAGALHÃES, Ana Cláudia; FERRARE, Josemary; SILVA, Maria Angélica da (orgs). **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Brasília: IPHAN, 2012.
- ⁴¹ ESPÍNDOLA, Thomaz do Bom-Fim. Op. cit, p. 217.
- ⁴² HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ⁴³ FONSECA, Pedro Paulino da. A velha Cidade das Alagoas – recordação de suas antigas festas, 1895. In: **Revista do Instituto Histórico de Alagoas**, vol. XXII. Maceió, anos de 1942/43, p. 20.
- ⁴⁴ AVÉ-LALLEMANT, Robert. op. cit, p. 293.
- ⁴⁵ Quadro elaborado pelo autor. Fonte: FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 18-26. FERRARE, Josemary Omena Passos. Fé e Festas em percursos urbanos na Alagoas barroca – Marechal Deodoro – Brasil. In: **Actas do II Congresso Internacional do Barroco**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001 – 2003.
- ⁴⁶ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
- ⁴⁷ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
- ⁴⁸ RABELO, Nancy Regina Mathias. Santos de vestir da Procissão das Cinzas do Rio de Janeiro: fisionomias da fé. In: **Revista 19&20**. Vol. 4, n° 1, Rio de Janeiro, 2009.
- ⁴⁹ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 18-19.
- ⁵⁰ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 18-19.
- ⁵¹ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
- ⁵² DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **O Banguê das Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3ª Ed. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 9.
- ⁵³ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
- Projeto História, São Paulo, v. 58, pp. 113-147, Jan.-Mar. 2017.*

-
- ⁵⁴ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
⁵⁵ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.
⁵⁶ FERRARE, Josemary. Op. cit, p. 100.
⁵⁷ FONSECA, Pedro Paulino da. Op. cit, p. 20.